

O GÊNERO GÓTICO NO CONTO “VENHA VER O PÔR DO SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Simeone Gregório dos Santos ¹
Clemente Roberto da Silva Neto²

RESUMO

A romancista e contista Lygia Fagundes Telles possui um arcabouço literário que versa sobre diversas dimensões da realidade e que acentua, muitas vezes, o caráter gótico na construção e configuração das narrativas. Nesse sentido, o presente trabalho visa a analisar traços do gênero gótico no conto “Venha ver o pôr do sol”, da escritora Lygia Fagundes Telles, narrativa que traz à tona a materialização de um crime de vingança de um homem que não aceita o término do relacionamento contra uma mulher. Para isso, este estudo ancorou-se, sobretudo, nos preceitos teóricos de Hogle (1992), Thomson (2007) e Costa (2016), à luz dos estudos sobre o gênero gótico. Em termos metodológicos, esta pesquisa enquadra-se, quanto aos procedimentos técnicos, como bibliográfica, uma vez que foram consultados, para a sua realização, livros e artigos científicos já publicados, e, no que concerne à abordagem, como qualitativa. Os resultados demonstram elementos intrínsecos ao gótico, como o cemitério, enquanto espaço no qual as ações acontecem durante todo o conto, além dos sentimentos de medo e terror, que imprimem tensão no leitor. Por fim, espera-se que essa pesquisa sirva de base para novos estudos, considerando que ainda há muito a ser explorado acerca do gênero gótico nas obras lygianas.

Palavras-chave: Gótico, Conto, Narrativa, Espaço.

INTRODUÇÃO

A escritora paulistana, Lygia de Azevedo Fagundes Telles, nasceu em 19 de abril de 1923 e faleceu em 03 de abril de 2022. Desde a juventude, demonstrava aptidão e genialidade para a arte de escrever e dedicava-se às narrativas curtas e longas. Sua obra literária foi marcada por retratar temas clássicos e universais, como a morte, o amor, o medo, a loucura e, também, a fantasia. Conhecida como "a dama da literatura brasileira" e "a maior escritora brasileira", Lygia foi uma mulher à frente do seu tempo, cuja trajetória de vida caracterizou-se pela luta em prol do reconhecimento feminino no espaço acadêmico.

¹ Graduado pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, simeonegregorio@email.com;

² Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, clemente.roberto.098@ufrn.edu.br;

Aos quinze anos, ainda muito jovem, publica, em 1938, o seu primeiro livro de contos, intitulado *Portão e sobrado*. Em 1954, publica *Ciranda de Pedra*, um romance que marca a trajetória dela como escritora. Contudo, com a publicação do romance *Verão no Aquário*, de 1963, alcançou, segundo críticos literários, grande visibilidade e maturidade literária. Em 1970, a escritora publicou *Antes do Baile Verde*, um livro que reúne dezoito contos, os quais versam sobre casamento e o fim do amor, a loucura, a arrogância, a morte, vingança, o adultério, as relações humanas conturbadas e o lado perverso do ser humano.

As obras³ de Lygia receberam diversas premiações, como o Prêmio Jabuti, com *As Meninas* (1973) e *Disciplina do Amor* (1980), e o prêmio Camões, em 2005. Além do reconhecimento e das premiações, recebeu, em 2001, o título de Doutora Honoris Causa, pela Universidade de Brasília (UnB), além de ser eleita como membro da Academia Paulista de Letras (1982) e da Academia Brasileira de Letras, ocupando a décima sexta cadeira, em 1985.

No que se refere às temáticas abordadas, segundo Lucas (1990, p. 65), “agrega à ficção de LFT: a visita permanente à região do fantástico e do maravilhoso. [...] É a zona do mistério, da magia e do encantamento em que se compraz a contista”. Ainda segundo este autor, os contos de Telles caracterizam-se pelo impacto de forte tensão. Ele, ainda, frisa que: “Na sua temática, uma das informações mais presente é o jogo alternativo entre o amor e a morte. A observação mais imediata nos leva a ver como são frágeis as situações de amor perfeito ou de completa inocência” (LUCAS, 1990, p. 67).

O gênero gótico, dedicado a explorar um clima de suspense e, por vezes, de terror, com cenários em que o assombro, o pavor e o horror são preponderantes, é encontrado em contos de Lygia Fagundes Telles, entre os quais destaca-se “Venha ver o pôr do sol”, que faz parte do livro *Antes do baile verde* (1970). Nesta narrativa, há alguns elementos intrínsecos ao gótico, como o cemitério, o medo e terror, os quais serão objetos de análise no presente trabalho. Diante disso, o presente artigo objetiva analisar traços do gótico no conto “Venha Ver o Pôr do Sol”, da escritora Lygia Fagundes Telles. Para tanto, o aporte teórico deste trabalho baseou-se,

³ Esse trabalho não tem a pretensão de fazer um mapeamento de toda a produção ficcional da escritora, mas citar algumas obras importantes na sua trajetória. A escritora Berenice Sica Lamas, no livro “O Duplo em Lygia Fagundes Telles - Um estudo em Literatura e Psicologia” (2004), dedica um capítulo, denominado Lygia Fagundes Telles: trajeto e palavra no aquário”, voltado para traçar a biografia e obra da autora detalhadamente.

fundamentalmente, em Santos (2010), Hogle (1992), Thomson (2007), Costa (2016) e Lucas (1990).

O GÓTICO NO CONTO “VENHA VER O PÔR DO SOL”

O conto “Venha Ver o Pôr do Sol” apresenta a história de Ricardo e de Raquel, um casal de ex-namorados que vivencia um último encontro em um cemitério abandonado. Ele, ao longo da narrativa, demonstra grande pesar pelo fato de ter sido trocado por um homem bem-sucedido. No diálogo entre ambos, compreendemos que o romance entre os dois possuía uma lacuna, já que ele afirmava que a amava, enquanto ela apenas dizia que gostava dele.

O encontro secreto vai se tornando cada vez mais sombrio à medida que o ex-casal caminha, em uma conversa que revela nostalgia, ao recordarem-se da época em que namoravam, o delineamento dessa lembrança suscita morbidez. Em certo momento, chegam a um túmulo, o qual era da própria família de Ricardo. Segundo este, a prima havia morrido aos 15 anos e estava enterrada neste sepulcro; inclusive, comentava estar impressionado pelo fato de a garota e Raquel terem os olhos verdes parecidos. Isso aconteceu em uma tentativa de fazer a ex-companheira acreditar nele, e, com isso, decide mostrar-lhe a foto da prima que está dentro da catacumba. Porém, para surpresa, ou simplesmente infortúnio de Raquel, ao adentrar no mausoléu, ela acaba descobrindo que havia um equívoco quanto às informações ditas por Ricardo, pois a adolescente nasceu em vinte de maio de mil e oitocentos.

Ao questioná-lo sobre a mentira, Raquel percebe que ele já não está mais diante dela, mas, sim, fora do jazigo. Logo, a mulher percebe que caiu em desgraça, ao confiar no homem com quem, outrora, havia compartilhado momentos da vida. Com isso, movido por vingança, Ricardo tranca Raquel dentro da catacumba, para desespero dela. No entanto, observamos que o convite de Ricardo de se encontrarem naquele lugar não passava da idealização de um crime premeditado.

O conto encerra-se de maneira chocante, pois nos deparamos com uma cena de feminicídio, uma vez que Ricardo abandona Raquel na catacumba, ouvindo os seus gritos de ajuda e de pedidos de socorro; uma voz que, aos poucos, vai sendo sugada pela precariedade do lugar. Finalmente, quando chega ao portão do cemitério, Ricardo observa que, naquele ponto, a voz de Raquel torna-se inaudível, o que nos faz concluir

que, ali mesmo, ninguém a ouviria e ninguém iria salvá-la; portanto, conclui-se que ela definhou até o fim da vida.

Na narrativa, são apresentados dois personagens, a saber: Ricardo e Raquel. Este primeiro é “esguio e magro, [...], cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante” (TELLES, 2009, p. 94). Ele morava em uma pensão horrenda e tinha poucas condições financeiras, conforme verificamos neste trecho: “[...] Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa [...]” (TELLES, 2009, p. 95).

Após a leitura do conto, o leitor percebe a representação da personalidade vingativa, calculista, perversa e vil do jovem, o qual, inconformado com o término do relacionamento com a amada Raquel, pôs em execução um terrível plano para dar fim à vida da sua ex-namorada. Nesse sentido, de acordo com a classificação de Forster, apresentada em *Aspectos do romance* (1927), o personagem é redondo/esférico, pois passa por transformações de comportamento no decorrer da narrativa, e as suas ações surpreendem o leitor, já que sai da condição de mocinho, no início da história, para vilão, no fim.

A segunda personagem é Raquel, uma jovem que, outrora, namorou Ricardo e que, depois do relacionamento, passou a viver com um homem riquíssimo. Ela, então, passa a ter uma vida de luxo, podendo fazer viagens e utilizar roupas elegantes, e usa desta boa condição para, de certa forma, humilhar o ex-companheiro, fazendo-o crer que a amada vive bem melhor do que no tempo em que estava com ele. Além disso, a jovem mostra-se arrogante, conforme presente neste excerto: “Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre” (TELLES, 2009, p. 94).

Neste conto, a personagem é plana, pois ela não passa por transformações no decorrer da narrativa, não possui alta densidade psicológica e, por fim, não é complexa. Ao atender ao pedido de Ricardo para um último encontro, Raquel, inocente e alheia ao que havia de acontecer, é conduzida ao cemitério para ver “o pôr-do-sol mais lindo do mundo” (TELLES, 2009, p. 94). Contudo, este era apenas um pretexto para ele consumir o seu plano de vingança, devido ao término do relacionamento com a jovem.

Em “Venha ver o pôr do sol”, o narrador é, segundo a classificação de Genette (1988 *apud* Franco Junior, 1995), extradiegético, tendo em vista que ele, além de se distanciar dos fatos narrados, não participa da história, dedicando-se, por sua vez, a

explicitar apenas os eventos. Nesse sentido, o narrador é denominado de observador, pois conduz a trama em terceira pessoa e estabelece um distanciamento entre narrador e personagens, focalizando os acontecimentos da narrativa. Observemos, por exemplo, o seguinte trecho: “Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram” (TELLES, 2009, p. 92). Neste fragmento, o narrador, em terceira pessoa, descreve o que passa diante dos seus olhos, sem participar da história, e não demonstra conhecimento íntimo do personagem.

Nessa esteira de discussão, entra em cena o foco narrativo, que diz respeito a um recurso ao qual o narrador recorre para construir a história a partir de um determinado ângulo ou ponto de vista (FRANCO JUNIOR, 1995). Assim sendo, Friedman (1955 *apud* FRANCO JUNIOR, 1995) estabelece oito tipologias de foco narrativo, um dos quais se enquadra predominantemente ao conto de Telles: o tipo câmera. No conto, este foco dedica-se a transmitir apenas o que o narrador vê e ouve, isto é, ocupa-se a descrever os acontecimentos (o enredo), sem a intenção de explicitar os sentimentos dos personagens.

A fim de ilustração, atentemos para o excerto a seguir: “Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados” (TELLES, 2009, 96). Neste fragmento, o narrador assume uma postura meramente descritiva dos fatos, isentando-se de aprofundar nas consciências e nos pensamentos do personagem.

O espaço da trama é o cemitério abandonado, um ambiente sombrio que evoca terror e medo, no qual toda a narrativa se sucede. Pelo narrador e pelas personagens, algumas descrições do espaço são apresentadas, como: “Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem (TELLES, 2009, p. 94); “O mato rasteiro dominava tudo (TELLES, 2009, p. 96)” e “É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente [...]” (TELLES, 2009, p. 96).

Decerto, uma narrativa que tem como cenário um cemitério provoca no leitor, de imediato, um sentimento de medo e de angústia, o que é acentuado no conto, haja vista o final trágico presente na narrativa, denota choque e horror, devido à crueldade com que Raquel, uma vez trancada na tumba, é entregue à morte.

No que tange ao tempo, predomina-se o tempo objetivo/cronológico, tendo em vista que o conto apresenta uma sucessão de acontecimentos, de fatos e de ações em uma sequência cronológica. Há, porém, alguns momentos na trama marcados pelo tempo psicológico/subjetivo, por meio do *flashback*, como podemos verificar neste fragmento “Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai” (TELLES, 2009, p. 97). Neste excerto, Ricardo relembra, de forma, provavelmente, dissimulada, que, no cemitério, viveu momentos marcantes, a fim de sensibilizar Raquel. De forma geral, as cenas do conto ocorrem em uma tarde.

No que diz respeito ao gênero gótico, este, de acordo com Santos (2010), surgiu na Inglaterra, no século XVIII, como uma forma de se contrapor ao pensamento Iluminista dominante à época. Atuando como um contramovimento, isto é, uma força revolucionária que apresenta uma nova ordem de pensamento, estilo e tom, o Gótico reúne diversos tipos de forças, visando a abolir conceitos racionalistas e, com isso, destituir a força dominante daquele período histórico conhecido por Idade da Razão.

Ainda segundo Santos (2010), enquanto força paralela, o Gótico lidou com temas ignorados pelos pensadores iluministas, os quais julgavam o homem capaz de entender suas próprias circunstâncias. Assim sendo:

O Gótico passou a representar o antiquado, opondo-se ao moderno; o barbárico, em oposição ao civilizado; a crueza, em oposição à elegância; os velhos Barões ingleses, em oposição ao gentio cosmopolita. Frequentemente, representava o que era inglês e provincial em oposição ao que era afrancesado ou europeizado, o que era vernacular, em oposição a uma cultura imposta; o que era arcaico e pagão e que resistia ou se opunha ao estabelecimento de valores civilizados e de uma sociedade bem regulamentada (SANTOS, 2010, p. 30).

Um dos elementos característicos do gótico presente no conto é o espaço onde a narrativa se desenvolve. Nesse sentido, segundo Hogle (1992, p. 2):

Embora nem sempre tão obviamente como em *O Castelo de Otranto* ou *Drácula*, um conto gótico geralmente leva lugar (pelo menos durante parte do tempo) num espaço antiquado ou aparentemente antiquado – seja um castelo, um palácio estrangeiro, uma abadia, uma vasta prisão, uma cripta subterrânea, um cemitério, uma fronteira ou ilha primitiva, uma grande casa antiga ou teatro, uma cidade envelhecida ou um submundo urbano, um armazém decadente [...] (HOGLE, 1992, p. 2).

Na acepção de Hogle (1992), o conto gótico abarca um espaço considerado antiquado, seja, por exemplo, um castelo ou casa antiga. Um desses lugares a que o autor alude é o cemitério, o qual, no conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, assume centralidade na narrativa. Ao longo da história da humanidade, surgiram alguns tipos de cemitérios, entre os quais cavernas paleolíticas, templos, santuários, túmulos e necrópole. Além disso, Thomson (2007, p. 3) afirma que:

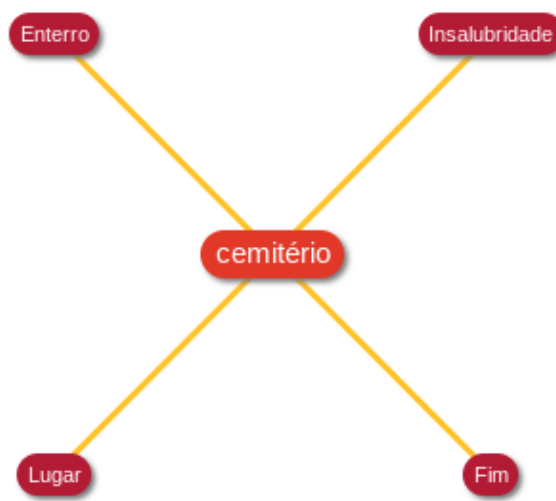
Os cemitérios são amplamente utilizados na literatura gótica como lugares muitas vezes assustadores onde a vingança pode ocorrer. As catacumbas são espaços góticos especialmente evocativos porque permitem aos vivos entrar no subsolo, num labirinto escuro que ressoa com as presenças e mistérios dos mortos (THOMSON, 2007, p. 3, tradução nossa).

Conforme Thompson (2014), a palavra cemitério, do latim *cemeterium* ou *coemiterium*, deriva do grego *koimetérion*, que designa um dormitório, isto é, um lugar para dormir. Em muitos contextos, o sono metaforicamente significa a morte, já que a pessoa, nesta condição, está imersa totalmente em um estado inconsciente e desconexo da realidade. Na Bíblia Sagrada, por exemplo, Jesus encara a morte de Lázaro como um sono, como pode-se verificar neste excerto: “Assim falou e, depois, disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono” (BÍBLIA, 2013, Jo 11: 11, p. 727). Em outra parte do texto bíblico, temos: “E dormiu Acáz com seus pais, e o sepultaram na cidade, em Jerusalém, porém não o puseram nos sepulcros dos reis de Israel; e Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar” (BÍBLIA, 2013, 2 Crô 28:27, p. 339).

No “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”, o vocábulo cemitério apresenta, ao menos, três significados, a saber: “(1) lugar destinado ao sepultamento dos mortos; (2) fig. depósito de objetos sem uso ou imprestáveis: cemitério de automóveis; (3) lugar sem habitante. lugar ermo: A cidade virou um cemitério” (CEGALLA, 2008, p. 183). Nesse sentido, o cemitério caracteriza-se por ser um espaço no qual há o sepultamento das pessoas mortas e por inexistir seres vivos residindo em tal. No conto em discussão deste trabalho, contrariando as expectativas, o cemitério serviu para enterrar uma pessoa viva, a qual, movida por sonhos e aspirações, teve os vínculos com os vivos cortados, restando-lhe a morte precoce.

Além disso, no “Dicionário Aulete Digital”, o termo cemitério caracteriza-se por quatro elementos: “enterro”; “lugar”; “insalubridade”; e “fim”, conforme presente na Figura 1 abaixo.

Figura 1 - Significado da palavra “cemitério”



Fonte: Dicionário Aulete Digital⁴.

No conto, tais elementos são encontrados, pois, a rigor, o cemitério retratado é um lugar insalubre, já que, segundo o narrador, o muro é arruinado, os canteiros são ressequidos e o portão de ferro é carcomido pela ferrugem, além de ser descrito como miserável, deprimente e pobre. Segundo Ricardo, “Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram” (TELLES, 2009, p. 95). Ademais, o enterro da personagem Raquel ocorre à medida que ela caminha pelo cemitério em direção ao túmulo, no qual é aprisionada por Ricardo e é decretado o seu fim.

Outros elementos do gótico presentes na narrativa são o assombro e o medo (COSTA, 2016). Inicialmente, o ciúme de Ricardo o assombra. Isso ocorre porque o fim

⁴ DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. **Cemitério.** Disponível em: <https://www.aulete.com.br/analogico/cemit%C3%A9rio>. Acesso em: 09 dez. 2023.

do relacionamento com Raquel é algo que ele não suporta e nem supera, tornando-se uma pessoa perturbada e assombrada com seus próprios sentimentos. Tal assombro é tão patente que ele decide aprisionar a amada em uma catatumba, como uma forma de trancá-la ao passado, separando-a do atual namorado dela, e manter o passado quando era feliz.

De um outro modo, o assombro de Raquel é mais notório (e angustiante), tendo em vista que, uma vez enclausurada em um cemitério, ela fica sem esperança em meio aos mortos, cujo desespero não é solucionado, como podemos identificar neste trecho: “Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra” (TELLES, 2009, p. 100).

Ademais, o conto é permeado pelo medo: o medo sentido pelos personagens e pelo leitor. De um lado, Raquel tem medo do aprisionamento, já Ricardo, de perder a ex-namorada para outro homem. Por outro lado, o leitor sente medo do final trágico assumido na narrativa, dado o horror com que Ricardo decide colocar fim à vida de uma mulher. Nesse contexto, segundo Costa (2016, p. 9):

o leitor também pode vir a se impressionar com o ambiente opressivo do cemitério, pois permanecer ali, trancado até a morte, pode parecer tão terrível quanto ser enterrado vivo – um medo tão frequente que, antigamente, foram fabricados muitos caixões com um dispositivo de alarme interno para, no caso de alguém ser realmente enterrado vivo, poder puxar uma corda que balançaria um sino do lado de fora, alertando o coveiro ou qualquer outro ali perto para que viesse em resgate.

Todavia, em se tratando do conto lygiano, infelizmente a personagem não contava com nenhum tipo de mecanismo ou dispositivo de defesa, que a auxiliasse a sair daquele mausoléu. Portanto, o desfecho de Raquel ocasiona, em nós leitores, um misto de horror, assombro e perplexidade, já que a personagem é enterrada viva. A cena é impactante, e talvez essa tenha sido a proposta de Telles: nos impactar com o fato de que a ação de Ricardo foi premeditada, embora em nenhum momento seu plano tenha ficado evidente para o leitor. Por fim, resta-nos ‘aceitar’ o fato de que o personagem cometeu um crime horrendo e lamentar que o desfecho de Raquel foi chocante, trágico e, sem dúvida alguma, extremamente revoltante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que de todas as temáticas abordadas ao longo do conto, especificamente as relações pessoais, o amor, a vingança e a morte, tecer considerações a respeito do gótico dentro da narrativa de Lygia nos foi de fundamental interesse. Telles, com toda a sua genialidade, apresenta um conto que não só aborda o rompimento de um casal e a separação deles, mas um texto regado de suspense, mistério e horror.

Em linhas gerais, o gótico adentra no submundo do irreal, do estranho e do grotesco; nesse sentido, o termo surge como um resgate do sobrenatural. Ao analisar a presença do gótico no conto “Venha Ver o Pôr do Sol”, depara-se com alguns elementos que servem de aporte para a construção de todo um cenário de assombro e de temor. Com isso, um dos elementos que mais contribuem para a identificação desse gênero é a ambientação. Desse modo, o cenário construído por Telles transborda de simbologias, que despertam no leitor um sentimento de pavor, ao passo que as construções imagéticas são focalizadas.

Portanto, o ambiente no qual a narrativa se desenvolve foi de fundamental importância para acentuar a atmosfera de medo e a ambientação gótica, pois permitiu um aprofundamento nos estudos sobre esses aspectos necessários para compreendermos como a presença do gênero gótico foi trabalhada. Desse modo, observamos que a autora vai enlaçando essas construções de imagens em cada parágrafo do conto, permitindo aos leitores absorver os elementos intrínsecos a esse tipo de narrativa, tão necessários e essenciais para uma melhor compreensão temática.

Destarte, ao término desse estudo, esperamos que essa pesquisa sirva de base para novos estudos, considerando que ainda há muito a ser explorado, seja do gênero gótico, como de outros gêneros que são passíveis de estudo e que podem ser enlaçados aos mais distintos temas abordados nas obras de Lygia Fagundes Telles.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, N. T. João. Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

CEGALLA, D. P. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSTA, I. R. de M. **Elementos góticos no conto “Venha ver o pôr-do-sol” de Lygia Fagundes Telles**. Disponível em:

<http://sobreomedo.files.wordpress.com/2011/06/elementos-goticos-versao-pdf.pdf>.
Acesso em: 03 nov. 2023.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. **Cemitério**. Disponível em:
<https://www.aulete.com.br/cemit%C3%A9rio>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá; EDUEM, 2009, p. 33-58.

HOGLE, J. **Introduction: The Gothic in Western Culture**. In: _____. The Cambridge Companion to Gothic Fiction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LUCAS, F. A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles. **Cult- Revista Brasileira de Cultura**, n. 23, julho de 1999. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17317>. Acesso em: 29 out. 2023.

MELO, A. V. **O espaço da morte em Venha ver o pôr do sol, de Lygia Fagundes Telles e A tumba, de Howard Phillips Lovecraft**. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em:
<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/27223/1/Alice%20Vasconcelos%20Melo.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2023.

SANTOS, L. S. **Vestígios do Gótico nos Contos de Lygia Fagundes Telles**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/7577>. Acesso em: 30 out. 2023.

TELLES, L. F. **Antes do baile verde: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THOMSON, D. H. **A Glossary of Literary Gothic Terms**. Literature and Philosophy Department, Georgia Southern University, 2007. Disponível em:
<https://resources.saylor.org/wwwresources/archived/site/wp-content/uploads/2012/05/en-gl403-1.3.1-A-Glossary-of-Literary-Gothic-Terms.pdf>. Acesso: 03 nov. 2023.

THOMPSON, B. **MEMÓRIA E EXALTAÇÃO DA VIDA NO CEMITÉRIO MONUMENTAL**. Revista Sociais e Humanas, v. 27, n. 3, p. 89–107, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/14883>. Acesso em: 9 dez. 2023.